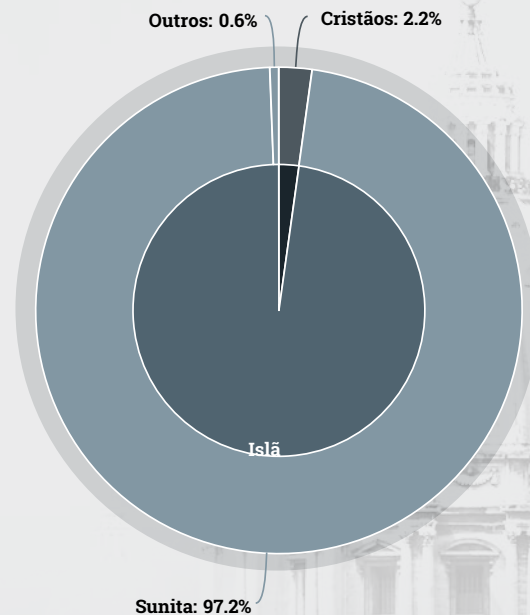


Jordânia



DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

O Reino da Jordânia foi estabelecido pelo Governo britânico em 1922. O país tem sido governado desde o seu estabelecimento por membros da dinastia Hachemita de Meca. Os governantes jordanos alegam ser descendentes diretos do Profeta Maomé. De 1948 até 1967, a Jordânia controlou Jerusalém Oriental e a Cisjordânia, até Israel ter conquistado estes territórios. Muitos refugiados palestinos já vieram para o reino depois do estabelecimento de Israel. Hoje em dia, a maioria dos seus cidadãos são de origem palestina. Apenas uma minoria pertence aos habitantes beduínos tradicionais da área. Em 1994, a Jordânia fez um tratado de paz com Israel. O tratado de paz confirma os direitos do Rei da Jordânia depositário dos Lugares Santos em Jerusalém Oriental. A coexistência de muçulmanos sunitas e cristãos é habitualmente pacífica. A comunidade cristã elogia a família real por alimentar o espírito de tolerância e coexistência. A Igreja Católica está presente com paróquias e instituições como a Cáritas da Jordânia. Há trabalhadores migrantes cristãos e hindus, majoritariamente da Ásia, vivendo e trabalhando temporariamente no país.

De acordo com o artigo 2º da Constituição^[1] do país de 1952, "o Islamismo é a religião do Estado". O artigo 6º diz que "os jordanos

são iguais perante a lei. Não haverá discriminação entre eles em relação aos seus direitos e deveres com base na raça, língua ou religião." O artigo 14º obriga o Estado a "salvaguardar o exercício livre de todas as formas de culto e ritos religiosos de acordo com os costumes observados no Reino, a não ser que eles não sejam coerentes com a ordem pública ou a moral". O artigo 28º, alínea e, diz que "nenhuma pessoa ascenderá ao trono a não ser que seja muçulmana". O artigo 99º estabelece os tribunais civis e religiosos. O artigo 104º divide-os em tribunais da sharia e tribunais de outras comunidades religiosas. Todas as questões do foro pessoal dos muçulmanos são regulamentadas pela lei da sharia. Os cristãos estão sujeitos aos respectivos tribunais das suas Igrejas. O casamento civil não existe. Uma mulher muçulmana não pode casar com um homem cristão. Se uma mulher cristã se converter ao Islamismo, o seu marido cristão também tem de se converter.

A Constituição e a lei não proíbem explicitamente os muçulmanos de se converterem a outra fé e não há penalizações na lei civil por fazê-lo. Apesar disso, ao dar primazia à sharia, que proíbe os muçulmanos de se converterem a outra religião, o Governo proíbe de fato a conversão do Islamismo e o proselitismo feito a muçulmanos.^[2] De acordo com a lei islâmica, há consequências quando os muçulmanos adotam outras religiões para além do Islamismo. Por exemplo, se alguém é condenado por apostasia, os tribunais islâmicos que julgam assuntos do foro pessoal têm poder para anular o casamento da pessoa e negar-lhe o direito a herdar de um cônjuge e de familiares muçulmanos. Uma pessoa pode ser sujeita a acusações de apostasia, com todas as suas consequências para outras atividades para além da conversão.

[1] http://www.kinghussein.gov.jo/constitution_jo.html (acedido em Abril de 2016).

[2] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>

A Jordânia criminaliza explicitamente a blasfêmia. O artigo 273º do Código Penal da Jordânia de 1960 pune qualquer pessoa que insulte o Profeta Maomé com uma pena de prisão de um a três anos.^[3]

Os cristãos estão representados por uma cota no Parlamento e têm acesso aos níveis superiores do Governo e do exército.

INCIDENTES

Em setembro de 2014, o Rei Abdullah acolheu refugiados cristãos do Iraque que fugiram do grupo autodenominado Estado Islâmico (EI) para a Jordânia. A Igreja Católica local elogiou o rei por este seu gesto. “O nosso Rei se ofereceu provisoriamente para aceitar cerca de 500 famílias cristãs do Iraque. Se tudo correr bem, cerca de mais de 1.500 famílias vão seguir-se a estas”, disse o Padre Khalil Jaar à ACN.^[4]

Em outubro de 2014, a nova Igreja Armênia de São Garabed foi consagrada na Jordânia, nas margens do Rio Jordão. Isto foi anunciado pelo Patriarcado Armênio Apostólico de Jerusalém. A terra na qual a igreja está, não longe do lugar tradicional referido como o lugar onde Jesus foi batizado, relata a declaração patriarcal, foi doada pelo Rei Abdullah II da Jordânia, tal como foram doados os locais de outras igrejas construídas nas margens do Jordão.^[5]

Em outubro de 2014, o Rei Abdullah disse que os cristãos deram a sua própria contribuição para a construção da civilização árabe. É por isso que a deslocação forçada de comunidades cristãs autóctones no Oriente Médio é um problema grave, que deve ser combatido de todas as formas possíveis. Foi isto que o rei disse nas suas conversas com o presidente da Armênia, Serzh Sargsyan, que visitou a Jordânia.^[6]

Em fevereiro de 2015, militantes do EI divulgaram um vídeo em que mostravam um piloto jordaniano capturado sendo queimado vivo numa jaula, uma morte que chocou o mundo. A Jordânia, que tem organizado raids aéreos na Síria no âmbito da aliança liderada pelos Estados Unidos contra insurgentes do EI, retaliou com ataques aéreos. A televisão estatal jordaniana disse que o piloto tinha sido morto em 3 de janeiro.^[7]

Em fevereiro de 2015, a Jordânia executou dois prisioneiros da Al-Qaeda, dando seguimento a uma prometida reação firme à morte do piloto Moath al-Kasasbeh pelo EI. Sajida al-Rishawi, o terrorista suicida iraquiano cuja libertação o EI

tinha solicitado anteriormente, e Ziad Karbouli, antigo assessor do falecido líder da Al-Qaeda no Iraque Abu Musab al-Zarqawi, foram mortos.^[8] O Padre Rifat Bader, porta-voz da Igreja Católica na Jordânia, defendeu as execuções como um ato de autodefesa perante a guerra e o terrorismo.^[9]

Em fevereiro de 2015, o ministro jordaniano dos Assuntos Religiosos, Hayel Dawoud, disse que as atividades do EI “não têm nada a ver com o Islã, e as bandas desenhadas satíricas do Profeta Maomé não têm nada a ver com o Cristianismo, enquanto as políticas realizadas pelos colonos não têm nada a ver com a religião judaica”.^[10]

Em agosto de 2015, a rainha Rania da Jordânia disse que os muçulmanos moderados não estavam fazendo nada para combater a ideologia maldosa do EI e pediu à comunidade internacional que prestasse maior atenção aos jovens, antes de o Oriente Médio ficar totalmente destruído.^[11]

Em setembro de 2015, antes do início de uma conferência internacional em Paris, o ministro jordaniano dos Negócios Estrangeiros, Nasser Judeh, explicou que o título da cimeira estava originalmente focado na proteção das minorias religiosas e étnicas. Foi depois modificado para focar a atenção na necessária proteção das vítimas da violência étnica e religiosa, sem referir a categoria de minoria. Nasser Judeh referiu também que na Jordânia não é usado o termo “minoria” para indicar as componentes da população jordaniana que professam e seguem outras religiões para além do Islamismo sunita.^[12]

Em setembro de 2015, o príncipe jordaniano Hassan disse que o Cristianismo tinha tido início no Oriente Médio, que não era um produto de importação ocidental e que deu um grande contributo para o desenvolvimento da cultura árabe e da civilização árabe-islâmica. Por esta razão, a presença de cristãos no Oriente Médio deve ser salvaguardada através de instrumentos e medidas que lhes garantam proteção humana. O príncipe disse isto durante a sua intervenção em Acre, Israel, por ocasião da apresentação de um livro sobre os acontecimentos históricos dos cristãos árabes no Oriente Médio.^[13]

Em dezembro de 2015, o rei Abdullah II enfatizou que os cristãos árabes “fazem parte integrante do nosso passado, presente e futuro” e desde o início “foram um parceiro essencial na construção da nossa cultura e civilização e na defesa do Islã”. Foi isto que o monarca disse num discurso na

[3] <http://www.loc.gov/law/help/apostasy/#jordan>

[4] <http://www.catholicnewsagency.com/blog/we-have-lost-everything-iraqi-christians-have-found-refuge-in-jordan/>

[5] http://fides.org/en/news/36645-ASIA_JORDAN_An_Armenian_baptismal_church_consecrated_on_the_banks_of_the_Jordan#.V0ga6PmLSM8

[6] http://fides.org/en/news/36661-ASIA_JORDAN_King_Abdullah_II_to_Armenian_President_Christians_helped_to_build_the_Arab_civilization#.V0gadPmLSM8

[7] <http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-killing-idUSKBN0L71XE20150203>

[8] <http://edition.cnn.com/2015/02/03/world/isis-captive/>

[9] <http://www.die-tagespost.de/politik/Exekution-Akt-der-Selbstverteidigung;art315,158318>

[10] http://fides.org/en/news/37211-ASIA_JORDAN_Jordanian_Minister_satirical_cartoons_of_the_Prophet_Muhammad_have_nothing_to_do_with_Christianity#.V0gPWfmLSM8

[11] <http://www.asianews.it/news-en/Muslims-are-not-doing-enough-to-fight-the-Islamic-State%2C-says-Queen-Rania-35147.html>

[12] http://fides.org/en/news/58384-ASIA_JORDAN_The_Jordanian_proposal_let_us_set Aside_the_term_minority#.V0gNt_mLSM8

[13] http://fides.org/en/news/58500-ASIA_HOLY_LAND_Prince_Hassan_of_Jordan_human_safekeeping_for_Christians_in_the_Middle_East_is_needed#.V0gNqfmLSM8

televisão estatal jordaniana, no qual o rei hachemita expressou o seu júbilo ao congratular os jordanianos que celebram o nascimento do Profeta Maomé (celebrado em quase todo o mundo em 23 de dezembro) e a solenidade do Nascimento de Nosso Senhor. Neste contexto, o monarca reiterou que todos os jordanianos “vivem sob a égide da cidadania igual que nos une a todos” e que, desde a grande batalha de Mu’tah (quando Maomé ordenou às forças islâmicas na luta contra o exército bizantino que não fizessem mal aos cristãos da Síria), os cristãos árabes foram um parceiro essencial na construção da nossa cultura e civilização e na defesa do Islã.^[14]

O Natal de 2015 também marcou o quadragésimo aniversário da fixação da data em que todas as Igrejas e comunidades cristãs na Jordânia celebram o Natal. Em 1975, os responsáveis das Igrejas cristãs concordaram em celebrar o Natal no dia 25 de dezembro, de acordo com o calendário gregoriano, enquanto a Páscoa é celebrada por todos os cristãos de acordo com o calendário juliano. A Jordânia é atualmente o único país no mundo onde as duas principais festas cristãs são celebradas em conjunto por todos os batizados. Na Jordânia, o Natal é feriado nacional desde 1999, o ano em que o rei Abdullah ascendeu ao trono.^[15]

O feriado islâmico de Mawlid al-Nabi, o nascimento do Profeta Maomé, que depende do calendário lunar, foi celebrado em 23 de dezembro de 2015. A última vez que a celebração do Natal cristão e islâmico coincidiu foi há 457 anos. Em fevereiro de 2016, o lugar do batismo de Jesus no Rio Jordão foi declarado oficialmente como Patrimônio Mundial pela UNESCO. A cerimônia teve a participação de uma delegação do Reino Hachemita da Jordânia, incluindo o ministro jordaniano do Turismo, Nayef H. Al-Fayez, e do Arcebispo Maroun Lahham, Vigário Patriarcal para a Jordânia do Patriarcado Latino de Jerusalém.^[16]

Em março de 2016, uma célula do EI foi descoberta em Irbid. Os jihadistas estavam planejando ataques contra alvos civis e militares, para desestabilizar a segurança nacional. Na operação foram mortos sete terroristas e um soldado jordaniano, ficando feridos outros cinco. Foram detidas treze pessoas, que estavam ligadas de diversas formas à célula extremista.^[17] No início do mês, soldados jordanianos entraram em confronto com jihadistas suspeitos na fronteira com a Síria. Pelo menos cinco pessoas foram mortas nos confrontos entre as forças de segurança jordanianas e jihadistas suspeitos na cidade de Irbid. Após o conflito, as autoridades declararam um toque de recolher obrigatório.^[18]

[14] http://fides.org/en/news/59097-ASIA_JORDAN_King_Abdullah_II_Arab_Christians_are_an_integral_part_of_our_civilization#.V0gMF_mLSM8

[15] http://fides.org/en/news/59000-ASIA_JORDAN_Christians_of_the_Hashemite_Kingdom_have_been_celebrating_Christmas_together_for_forty_years#.V0gMGvmlSM8

[16] http://fides.org/en/news/59323-ASIA_JORDAN_UNESCO_recognizes_the_baptism_site_of_Jesus_as_a_World_Heritage_Site#.V0gKwfmLSM8

[17] <http://www.asianews.it/news-en/Islamic-State-cell-routed-in-Irbid-36843.html>

[18] <http://www.asianews.it/news-en/Jordanian-soldiers-clash-with-suspected-jihadists-on-the-border-with-Syria-36832.html>

Em maio de 2016, um encontro entre o Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e o Instituto Real de Estudos Inter-religiosos concluíram a assinatura de um apelo conjunto. O encontro realizou-se em 14 de maio na capital da Jordânia, sob o tema “Corresponder aos Atuais Desafios através da Educação”. A declaração, que foi assinada pelo Cardeal Jean-Louis Tauran, presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, e o príncipe jordaniano El Hassan bin Talal, condena todas as formas de violência.^[19]

Em maio de 2016, foi inaugurado o Jardim da Misericórdia. O projeto é dedicado à agricultura sustentável, com 600 oliveiras plantadas numa área de 10.000m². Emprega quinze trabalhadores, escolhidos entre refugiados iraquianos e desempregados jordanianos. O projeto foi inaugurado em Amã, no Centro de Nossa Senhora da Paz, na presença do Patriarca Latino Fouad Twal de Jerusalém e do Arcebispo Alberto Ortega Martin, Núncio Apostólico na Jordânia e no Iraque. A iniciativa, financiada pelo Papa Francisco com ofertas dos fiéis recolhidas no pavilhão da Cidade da Santa Sé na Expo Milão 2015, é um sinal concreto do cuidado pastoral da Sé Apostólica e das Igrejas locais para com o povo do Oriente Médio que vive esmagado por conflitos e migração forçada.^[20]

Em maio de 2016, na iniciativa de Visitação da Paróquia de Nossa Senhora, teve início a construção de um centro em Anjara, na Jordânia. O projeto, com o nome de Nossa Senhora do Monte, vai atender muitas das necessidades da paróquia. Localiza-se a poucos quilômetros de Ajloun e vai corresponder à procura crescente de mais espaço para viver, em especial para as crianças. Estas permanecem atualmente na casa da comunidade religiosa, pois não há alojamento adequado para elas.^[21]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

A Jordânia, à semelhança de muitos outros países islâmicos no Oriente Médio, não concede total liberdade religiosa aos seus cidadãos, incluindo o direito a converterem-se do Islamismo a outra religião ou a não terem qualquer religião. Os convertidos do Islamismo ao Cristianismo podem enfrentar considerável resistência social e consequências legais, em especial nas questões do foro pessoal. Apesar da falta de liberdade de consciência, o país permite que os seus cidadãos cristãos vivam a sua fé individual e coletivamente em liberdade. Os limites às atividades das igrejas são a pregação do Evangelho aos muçulmanos e a procura ativa da sua conversão. O rei e outros membros da família real são a favor da

[19] <http://www.news.va/en/news/jordan-joint-appeal-at-the-end-of-the-meeting-in-a>

[20] http://www.fides.org/en/news/60019-ASIA_JORDAN_Garden_of_Mercy_inaugurated_in_Amman_humanitarian_project_for_refugees#.V0WtqJ3wCM8

[21] http://www.fides.org/en/news/60036-ASIA_JORDAN_Construction_of_Our_Lady_of_Mount_Center_starts_in_Anjara#.V0WqeJ3wCM8

coexistência e da tolerância religiosa e expressaram-no por palavras e atos. O monarca acolheu milhares de cristãos do Iraque e da Síria no seu país. As relações entre as Igrejas tradicionais oficialmente registradas e o Governo são excelentes. Contudo, as Igrejas não registradas estão enfrentando problemas. Uma questão preocupante é o elevado número de muçulmanos jordanianos que são a favor de ideias islâmicas radicais ou que aderiram a grupos jihadistas na vizinha Síria.